

CURSO DE ENFERMAGEM

Regina Elisa Schmitz

**ATIVIDADE ASSISTIDA POR ANIMAIS:
POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO DE ENFERMAGEM NO PROCESSO DE
HUMANIZAÇÃO HOSPITALAR.**

Santa Cruz do Sul

2017

Regina Elisa Schmitz

**ATIVIDADE ASSISTIDA POR ANIMAIS:
POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO DE ENFERMAGEM NO PROCESSO DE
HUMANIZAÇÃO HOSPITALAR.**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Enfermagem da Universidade de Santa Cruz do Sul para obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem.

Orientador: Prof^a Enf^a Dr^a Ana Zoé Schilling

Coorientador: Prof^a Ms^a Miriam Beatris Froemming

Santa Cruz do Sul

2017

Regina Elisa Schmitz

**ATIVIDADE ASSISTIDA POR ANIMAIS:
POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO DE ENFERMAGEM NO PROCESSO DE
HUMANIZAÇÃO HOSPITALAR.**

Esta monografia foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para
obtenção do título de Enfermeiro

Foi aprovada em sua versão final, em _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Enf^a Dra Ana Zoé Schilling
Professora Orientadora

Prof^a Ms. Miriam Beatris Froemming
Professora Coorientadora

Prof^a Ms. Eliana Cacia de Melo Machado
Prof^a componente da banca examinadora

Prof^o Ms. Nestor Pedro Roos
Prof^o componente da banca examinadora

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	9
2.1	Humanização no atendimento hospitalar.....	9
2.2	Relação homem e animal	10
2.3	Atividade Assistida por Animais e Terapia Assistida por Animais	11
2.4	O cão como um facilitador da Atividade e Terapia Assistida por Animais.....	14
2.5	Benefícios da Atividade e Terapia Assistida por Animais.....	15
2.6	A Atividade e Terapia Assistida por Animais e a relação com a Infecção Hospitalar	19
3	METODOLOGIA	21
3.1	Tipo de pesquisa	21
3.2	Local da pesquisa	22
3.3	Sujeito do estudo	22
3.4	Instrumento para coleta de dados	22
3.5	Procedimentos	23
3.6	Análise de dados.....	23
4	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	25
4.1	Caracterização dos sujeitos.....	25
4.2	Significado do animal de estimação para os pacientes.....	26
4.3	A visita do animal de estimação no ambiente hospitalar e seus benefícios.....	32
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS.....	40
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	44
	APÊNDICE B – INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DESTINADA AO PACIENTE	46

RESUMO

O conceito de saúde mais atual não se limita a ausência de doença, mas engloba o bem-estar psicossocial individual, desta forma, diversos serviços são ofertados ao paciente buscando promover seu bem-estar e possibilitando sua recuperação. Ao encontro disso, a Atividade Assistida por Animais, que consiste na introdução de animais nos tratamentos dentro de instituições de saúde, vem ganhando mais ênfase e valor, pois estas intervenções podem proporcionar momentos de descontração e alegria, beneficiando pacientes, acompanhantes, familiares e a própria equipe de enfermagem, tornando o momento da internação menos traumático e mais humanizado. Sendo assim, este estudo fundamenta-se sobre a área da Atividade Assistida por Animais, onde seu objetivo é identificar a visão do paciente com relação aos benefícios da Atividade Assistida por Animais, no processo de internação hospitalar. Para o desenvolvimento do estudo, utilizou-se o método de pesquisa qualitativo com abordagem exploratória descritiva e como instrumento para a coleta de dados, optou-se em aplicar uma entrevista semiestruturada com pacientes internados em um hospital de ensino da região central do estado do Rio Grande do Sul. Posteriormente foi aplicada a técnica de Análise de Discurso para apresentar a análise dos dados deste estudo. Os resultados apontaram que a os animais de estimação muitas vezes são considerados membros da família e que a maioria dos pacientes entrevistados deseja receber a visita do seu animal de durante o período de internação. Portanto, pôde-se concluir que os animais passaram a ter grande importância na manutenção da saúde mental e até mesmo física das pessoas, com isso, destaca-se o desejo por parte dos pacientes em receber a sua visita durante o período de internação, ficando evidente que na sua visão essa prática traz diferentes benefícios como a companhia, o carinho e o auxílio na cura, além de humanizar o atendimento hospitalar.

Palavras-chave: Humanização da Assistência Hospitalar. Terapias Complementares. Uso Terapêutico de Animais de Estimação.

ABSTRACT

The actual health concept is not limited to the disease absence, but involves the individual psychosocial well-being, and this way, several services are offered to the patient seeking to promote the well-being and enabling your recovery. Against this, the Animal-Assisted Activity, which consists of introducing animals into treatments within health institutions, has been getting more emphasis and value, because these interventions can promote relaxation and happiness moments, benefiting patients, companions, relatives and the nursing team itself, making the hospitalization moment less traumatic and more humanized. This way, this paper is based in the Animal-Assisted Activity area, with the objective of identify the patient vision about the benefits of the Animal-Assisted Activity, in the hospital internment process. For the project development, the qualitative search method with exploratory approach was used and as instrument for data collection was decided to apply a half-structured interview with interneers patients in a school hospital in the Rio Grande do Sul center region. After the Speech Analysis technique was applied to show the data analysis for this paper. The results showed that the pets are considered as family members and the major part of the patients wants to be visited by their pets during the hospitalization period. Therefore, we can conclude that the animals are having a big importance for keeping the people mental and physical health, with that, highlights the patients desire to be visited by their pets during the hospitalization period, being clear that in the patient view this practice brings different benefits as the partnership, affection and healing aid, besides the humanization in the hospital care.

Keywords: Humanization in the Hospital Care, Complementary Therapies, Pets Therapeutic Use.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de saúde mais atual não se limita apenas a ausência de doença, mas engloba o bem-estar psicossocial individual, respeitando o princípio de que a saúde é um direito do ser humano, de valor coletivo e que deve ser garantido sem qualquer distinção. Nesse sentido, diversos serviços podem ser ofertados para promoção do bem-estar do paciente e, assim, possibilitar seu empoderamento e recuperação. Ao encontro disso, diferentes instituições de saúde do mundo todo recomendam a utilização da prática do contato homem e animal em diversos tipos de tratamentos (CRIPPA; FEIJÓ, 2014).

Os autores Almeida; Nascimento; Duarte (2016) acrescentam que a visita de animais em instituições hospitalares já é reconhecida como uma estratégia efetiva na humanização da assistência e está em conformidade com as diretrizes do programa Humaniza SUS. Além disso, os autores enfatizam também que essas práticas proporcionam inúmeros benefícios para o enfermo, seus familiares e a própria equipe de saúde.

Especialistas consideram que o estímulo sensorial do tato, através da presença e interação com animais em instituições hospitalares, auxilia na recuperação da autoestima, sensibilidade e reintegração social de pacientes, isso se dá pelo fato da melhora do contato social que o animal permite. Outro fato importante é que as práticas com animais são indicadas em diversas situações, pois trazem mais humanização ao ambiente hospitalar, descontraindo o seu clima tenso, melhorando as relações interpessoais, facilitando a comunicação entre pacientes e equipe de saúde e também proporcionando benefícios emocionais e espirituais aos pacientes (KOBAYASHI, 2009).

Já Dotti (2005) apresenta que desde o século XVII os animais têm importância na socialização e mudanças de comportamento do homem, sendo que durante esse período a relação homem e animal recebeu diversas terminologias, as quais somente nas décadas de 70 e 80, que as pesquisas se intensificaram e conseguiu-se chegar a termos como Atividade Assistida por Animais (AAA) e Terapia Assistida por Animais (TAA) que passaram a ser implantadas e aplicadas no mundo inteiro.

Tem-se conhecimento que o Ministério da Saúde busca trazer formas de humanização em seus serviços, a partir de intervenções regulamentadas pelo respeito a vida, diante disso temos o Programa Nacional de Assistência Hospitalar (PNHAH) que é uma das formas de buscar a humanização dos serviços de saúde, o qual reconhece a AAA como uma maneira eficaz de chegar a esse objetivo.

Diante disso, essa pesquisa justifica-se por buscar demonstrar que a prática com animais dentro das instituições hospitalares é mais uma possibilidade de intervenção de enfermagem, procurando tornar o processo de hospitalização menos traumatizante e mais humanizado. Essa prática complementar, utiliza a relação homem e animal como uma alternativa para trazer benefícios a sujeitos de diferentes idades e com patologias distintas, nos campos físico, mental, social e emocional. Além disso, o enfermeiro, sendo um gerenciador dos serviços de saúde o qual está diretamente ligado aos cuidados ofertados aos pacientes deve ter conhecimento e se manter atualizado nas diversas formas de terapias complementares existentes, podendo oferecer diferentes formas de intervenções no cuidado, além de apresentar a sua equipe algumas maneiras de trazer a humanização hospitalar para o dia a dia de trabalho.

Desta forma, o objetivo geral deste estudo é identificar a visão do paciente com relação aos benefícios da Atividade Assistida por Animais, no processo de internação hospitalar. Como objetivos específicos, busca-se contribuir para o desenvolvimento de uma alternativa de tratamento complementar e intervenção de enfermagem a pacientes internados, descrever a nova forma de relação existente entre homem e animal de estimação na sociedade e conhecer o nível de aceitação por parte dos pacientes, frente a prática com animais de estimação em instituições hospitalares.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Humanização no atendimento hospitalar

Definida como um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente a ausência de afecções e enfermidades, a saúde tornou-se um direito do ser humano, de valor coletivo e que deve ser garantido sem qualquer distinção. Diante disso, dentro de um ambiente hospitalar, torna-se extremamente importante acolher o paciente de forma integral, assegurando tranquilidade, assistência de qualidade, com respeito a suas individualidades, motivando para a adesão ao tratamento e propiciando uma internação agradável, menos traumatizante e mais humanizada, alcançando assim a cura ou a recuperação do indivíduo (CRIPPA; FEIJÓ, 2014).

Conforme Kobayashi et al. (2009) a equipe de saúde exerce um importante papel no processo de hospitalização de indivíduos, sendo capaz de desenvolver e empregar estratégias para tornar esse processo menos traumatizante. O desenvolvimento de um plano de cuidados individualizado e humanizado, que propicie momentos de descontração e alegria, não favorece somente os pacientes, mas também seus familiares e a própria equipe de saúde.

Essas afirmativas são amparadas pelo Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH), fundado há sete anos pelo Ministério da Saúde que objetiva humanizar a assistência hospitalar a partir de intervenções institucionais, desenhando uma cultura de atendimento à saúde da população regulamentada pelo respeito à vida. Desta forma, a equipe de saúde será capaz de proporcionar experiências menos traumatizantes de hospitalização, tornando-se personagens independentes e membros de uma instituição com vínculos solidários, conforme preconiza esta política (KOBAYASHI et al., 2009).

Tendo consciência desse objetivo, profissionais de saúde que formam a equipe que presta assistência ao enfermo, juntamente com seus familiares, devem unir esforços para alcançar sua cura ou recuperação aliada a um atendimento humanizado. Diante disso, algumas instituições internacionais e nacionais de saúde recomendam a ajuda de animais para auxiliá-los na melhora do quadro clínico do paciente. Sabe-se que a relação entre homem e animal é evidenciada durante muitos anos e sendo assim, essa não pode ser esquecida (CRIPPA; FEIJÓ, 2014).

Sabemos hoje que o conceito de saúde não se limita a ausência de doença, mas engloba o bem-estar psicossocial individual. Nesse sentido, diversos serviços podem ser oferecidos para promoção do bem-estar do paciente e, assim, possibilitar seu empoderamento e recuperação. E é justamente nesta seara que aparece o uso de animais nos tratamentos dentro de instituições de saúde em diversos países (CRIPPA; FEIJÓ, 2014, p. 22).

A equipe de enfermagem, particularmente os enfermeiros, estão sempre em busca de intervenções que auxiliem no tratamento e que reduzam o estresse da internação hospitalar. Por essa razão, a introdução de animais no processo de cuidar que sejam capazes de tornar esse momento menos traumático tem ganhado mais ênfase e valor, pois estas intervenções podem proporcionar momentos de descontração e alegria, beneficiando pacientes, acompanhantes, familiares e a própria equipe de enfermagem (MOREIRA et al., 2016).

2.2 Relação homem e animal

Segundo Dotti (2005), desde o século XVII se tem relatos sobre a importância dos animais na socialização e mudanças de comportamento do homem. Em 1699, a relação de animais com crianças já possuía uma função de socialização. Estas podiam aprender e refletir sobre o senso de suas responsabilidades para com os outros. Já no século XVIII, na Inglaterra, iniciou-se a aplicação dos animais com doentes mentais, objetivando encorajá-los a escrever, ler e se vestir. Nos anos de 1830, projetos de caridade de um hospital inglês apontavam os animais como sendo os precursores de uma atmosfera mais leve para os pacientes com doenças mentais. Alguns anos após, na Alemanha, mais precisamente em 1867, os animais foram utilizados para o tratamento de epiléticos. De 1944 a 1945, na Força Aérea Americana, com o patrocínio da Cruz Vermelha, animais eram utilizados para a reabilitação de soldados e o programa utilizava cães e outros animais para a diversão nos intensos planos terapêuticos.

“[...] Em 1860, foi recomendado por uma enfermeira de origem inglesa a presença de animais de estimação como excelentes companhias para os pacientes crônicos.” (SILVEIRA; SANTOS; LINHARES 2011, p. 284)

Finalmente nos anos 50, a Dra. Nise da Silveira implanta a utilização de animais num hospital psiquiátrico no Rio de Janeiro e em seguida Boris Levinson, na década de 60, inicia a terapia psicológica com crianças. Por fim, nas décadas de 70 e 80 as pesquisas se intensificaram, sendo criada a *Pet Terapia*, termo esse que foi abandonado nos anos 90 por não traduzir de forma eficaz as possibilidades do trabalho com animais. Nesse mesmo período, chegou-se as terminologias implantadas e aplicadas no mundo inteiro, a Atividade Assistida por Animais (AAA) e a Terapia Assistida por Animais (TAA) (DOTTI, 2005).

Nos últimos anos, pesquisas tem demonstrado que os animais possuem capacidade de irem além do papel de bicho de estimação e atuarem como curadores dos seus guardiões humanos. Estes ocupam papel importante na vida humana e são conhecidos pelo seu comportamento criador, ocupando cargos de animais de estimação ou trabalhando como animais treinados para acompanhamento (REED; FERRER; VILLEGAS, 2012).

Amados, temidos, protegidos dentro de milhões de lares ou utilizados como fonte de alimento e proteção, a história da relação homem e animal percorreu um longo caminho de companheirismo, convívio doméstico e adestramento. Pesquisadores tem observado que o vínculo afetivo dessa relação contribui para um melhor prognóstico de doenças como o autismo, depressão, esquizofrenia, dentre outras. Notou-se também que os sentidos e sentimentos são trabalhados com o auxílio das lembranças da infância, oportunizando as melhorias necessárias a estes indivíduos (MENDONÇA et al., 2014).

Dotti (2005) traz que os cães fazem parte do inconsciente coletivo do homem, transmitindo uma ideia de companheirismo, amizade, sabedoria, amor, paz, fidelidade, proteção, poderes curativos e até mesmo evolução espiritual. E com o passar dos anos, assumiram papéis de maior importância junto ao homem, ajudando-o em sua jornada terrena e espiritual e tornando-se figuras de divindade. A autora coloca que os gregos criavam cães para atuarem como terapeutas auxiliares em seus templos de cura, pois acreditavam que estes seres eram capazes de curar doenças.

Pode-se perceber que o animal aparece em inúmeros momentos da vida humana auxiliando-a das mais diversas formas. Para o filósofo americano Bernard Rollin a relação entre homens e animais acontece desde o surgimento da humanidade, onde humanos, retiraram de seu habitat natural para viverem na sociedade, em troca os cuidarem e serem seus guardiões enquanto eles dão sua amizade e companhia (CRIPPA; FEIJÓ, 2014).

Rollin afirma que os cães foram e continuam sendo brincalhões, protetores, guardiões, amigos, companheiros, caçadores, assistentes de pessoas surdas, cegas e com diferentes incapacidades. É também um meio de contato com a natureza para pessoas urbanas, fonte de amizade, companhia e consolo para idosos e solitários, um modo de se inserir no mundo das crianças com distúrbios, um modo de proporcionar conforto a pessoas antissociais e uma inesgotável fonte de pureza e amor. Ao encontro desta relação homem e animal, as atividades que envolvem animais na busca da recuperação de indivíduos vêm sendo utilizadas em instituições de saúde e são conhecidas como Atividade e Terapia Assistida por Animais - A/TAA (CRIPPA; FEIJÓ, 2014).

2.3 Atividade Assistida por Animais e Terapia Assistida por Animais

As atividades com animais são utilizadas desde a década de 60, recebendo assim diversas terminologias que nem sempre eram usadas corretamente. Em 1996 um organismo internacional denominado “Delta Society”, que tinha como objetivos promover a saúde humana, sua independência e qualidade de vida com o auxílio de animais, observou a

necessidade de se estabelecer uma definição, um padrão para termos que nem sempre eram utilizados corretamente para identificar uma ação que estava sendo exercida e que exigia profissionalismo e credibilidade do profissional, passando então, a definir de forma mais objetiva a interação homem e animal (DOTTI, 2005).

De acordo com Reed; Ferrer; Villegas (2012), existem dois tipos de práticas facilitadas por animais para a assistência à saúde, ambas com a visitação de animais, mas com diferenças importantes. Baseado na organização Sociedade Delta, os autores definem a Terapia Assistida por Animais (TAA) como sendo uma prática composta por planos e metas específicos para cada perfil de paciente, com sua evolução documentada e visitas previamente planejadas e agendadas. Já a Atividade Assistida por Animais (AAA), são práticas sem esquemas fixos, se tornando mais espontâneas e casuais, não contém metas e o progresso do paciente não é registrado.

A definição de Atividade Assistida por Animais trazida por Dotti (2005, p.30) é mais abrangente, conforme demonstrado a seguir.

Conceito que envolve a visitação, recreação e distração por meio do contato dos animais com as pessoas. Essa atividade pode ser repetida com pessoas diferentes, sem o estabelecimento de um programa oficial. São atividades desenvolvidas por profissionais treinados e/ou com proprietários ou “condutores” que levam seus animais às instituições, para uma visita de aproximadamente uma hora ou hora e meia, semanalmente ou esporadicamente, sem um objetivo claro, sem um resultado de uma análise dos pacientes, seu histórico e seu perfil. São atividades que desenvolvem o início de um relacionamento, propõem entretenimento, oportunidades de motivação e informação, afim de melhorar a qualidade de vida. Essas atividades têm um grande potencial para se transformarem em Terapia Assistida por Animais – TAA.

Crippa; Feijó (2014) acrescentam que a AAA surgiu em 1792 em uma clínica psiquiátrica em York, Inglaterra, passando a ser desenvolvida em países americanos e europeus com a finalidade de entretenimento e auxílio na diminuição de problemas emocionais, físicos e mentais dos pacientes. Essa atividade utilizava a visitação de animais como uma forma de integração com os enfermos nas instituições de saúde, os autores justificam essa prática pela ligação afetiva existente entre animais e pessoas.

Procurando expor uma definição mais vasta também para a Terapia Assistida por Animais, Dotti (2005, p.30), conceitua essa prática de maneira que.

Envolve serviços profissionais da área médica e outras, que utilizam o animal como parte do trabalho e do tratamento. Tem o acompanhamento do proprietário ou condutor, tem objetivos claros e dirigidos, com critérios estabelecidos, dos quais o animal é parte integrante do tratamento. A TAA é dirigida e desenhada para promover a saúde física, social, emocional e/ou funções cognitivas. É um processo terapêutico formal com procedimentos e metodologia, amplamente documentado,

planejado, tabulado, medido e seus resultados avaliados. Todos os progressos são verificados e reavaliados com a finalidade de se atingir os objetivos do programa. Pode ser desenvolvida em grupos ou de forma individual.

Mendonça et al. (2014) complementa que a TAA tem um papel terapêutico, auxiliando na reorganização emocional e física de indivíduos, nela os animais tornam-se catalizadores de emoções, facilitadores de socialização, elementos de cumplicidade e fontes de aprendizagem, possibilitando melhorias nas relações familiares, sociais e afetivas do paciente. Por outro lado, a AAA é uma prática recreativa que busca proporcionar momentos lúdicos, melhorando assim a qualidade de vida das pessoas envolvidas, não segue métodos científicos e não é uma terapia, apenas procura agradar e melhorar o dia a dia destes indivíduos. Essa atividade pode ser administrada por qualquer pessoa, até mesmo os próprios tutores dos animais, não havendo necessidade de continuidade das atividades desenvolvidas.

“[...] Os animais tornam-se parte íntima de cada participante, podendo continuar ou parar a prática da atividade em qualquer momento, diferente da Terapia que exige um começo, meio e fim para que sejam alcançados os benefícios desejados.” (MENDONÇA et al., 2014, p.17)

Países como Estados Unidos, Canadá e França já introduziram os animais no tratamento da saúde das pessoas a décadas, desta forma oportunizando o crescente interesse sobre a Atividade e Terapia Assistida por Animais. Como desbravadora deste trabalho no Brasil, a médica psiquiatra Nise da Silveira, na década de 50, observou os favoráveis resultados terapêuticos da interação de pacientes psiquiátricos com animais (OLIVEIRA; ICHITANI; CUNHA, 2016).

Apontando como a principal diferença entre a AAA e TAA como o método de abordagem, Mendonça et al. (2014) expõe que a terapia busca reconhecimento científico por meio de dados e estudos, em contrapartida a atividade procura ser lúdica, apostando que o laço estabelecido entre animal e indivíduo é muito mais humano do que científico.

Segundo Almeida; Nascimento; Duarte (2016) a visita de animais em hospitais proporciona um clima de descontração entre profissionais, familiares e enfermos, visto que essa prática é reconhecida como estratégia efetiva na humanização da assistência e está em conformidade com as diretrizes do programa Humaniza SUS. Ao encontro disso, Kobayashi (2009) coloca que algumas instituições de saúde veem na terapia assistida por animais uma forma de humanização do sistema de saúde e buscam sua implantação embasados no Programa Nacional da Assistência Hospitalar (PNHAH) do Ministério da Saúde.

2.4 O cão como um facilitador da Atividade e Terapia Assistida por Animais

Podendo ser aplicada em locais como hospitais, ambulatórios, casas de repouso, escolas, clínicas de fisioterapia e reabilitação e com diferentes faixas etárias, a Atividade e Terapia Assistida por Animais (AAA/T) pode utilizar diferentes animais, desde que estes possam entrar em contato com humanos sem oferecer perigo a eles. Estudos mostram que animais que podem ser tocados resultam em uma terapia mais efetiva, sendo assim, o animal mais utilizado nessa prática é o cão, pois este apresenta uma afeição natural pelas pessoas, é de fácil adestração, cria respostas positivas ao toque e possui uma grande aceitação por parte das pessoas (KOBAYASHI et al., 2009).

Para somar a colocação anterior, Crippa; Feijó (2014, p. 17) apresentam que “[...] o cachorro também é de grande valia na área médica e é o animal mais utilizado para esta atividade assistida. ”

Dotti (2005) aponta que todos os animais domésticos podem ser utilizados nas AAA/T, mas o eleito tem sido o cão por apresentar características como a inteligência e a percepção. Ele se torna um facilitador para essa prática, tornando-se uma ponte entre o paciente e o profissional, desempenhando uma função de catalizador, atraindo, modificando e conectando esses dois seres. Ao incentivar a relação homem e animal, torna-se possível iniciar uma comunicação valiosa, seja por gestos ou simplesmente pelo olhar, e aos poucos é possível perceber os melhores caminhos para chegar ao objetivo. Nesse momento, tornasse possível aliviar dores físicas e emocionais, livrar angustias e tensões, trazendo momentos relaxantes, com sorrisos e felicidade.

Na opinião de Silveira; Santos; Linhares (2011), as visitas da prática da AAA podem ser realizadas por um único animal ou por um grupo de animais de diferentes espécies, como por exemplo gato, peixe, coelho, tartaruga e hamster, porém, como citado anteriormente, o cão acaba se destacando entre os animais pelo fato de possuir uma afeição natural pelas pessoas e assim facilitar o adestramento e a aceitabilidade ao toque, tornando-se o animal mais utilizado.

Os autores afirmam também que “[...] Os animais são excelentes companhias, pois durante sua visita não discriminam ou segregam qualquer pessoa, isto é são livres de preconceitos. ” (SILVEIRA; SANTOS; LINHARES 2011, p. 284)

Pesquisas nas áreas da Medicina, Enfermagem, Fonoaudiologia, Fisioterapia, Psicologia e Educação apontam para os benefícios sociais, físicos e psíquicos alcançados por indivíduos envolvidos na AAA/T. Ao encontro disso, o que mais chama a atenção das pessoas são os resultados positivos em ambientes diversos, onde a presença do cão pode favorecer o

desenvolvimento de sentimentos positivos, troca de afeto e sensação de conforto e bem-estar (OLIVEIRA; ICHITANI; CUNHA, 2016).

Configurando-se como uma das primeiras a utilizar a AAA/T dentro da área da enfermagem e influenciando profissionais da saúde para o uso desta alternativa, Florence Nightingale em 1860, percebeu consequentes manifestações de melhora na saúde de pacientes que contavam com a companhia de pequenos animais. Desde então a enfermagem tem aderido a essa prática a fim de reduzir a dor e a ansiedade, aumentando a socialização e a qualidade de vida dos pacientes, desta forma contribuindo com tratamentos em diversas áreas da saúde, onde o animal mais utilizado por enfermeiros, destaca-se o cão (MOREIRA et al., 2016).

A visita do cão representa um momento especial também para o profissional da saúde, pois promove o alívio da tensão e do estresse diante das experiências difíceis que vivencia em seu cotidiano. Segundo pesquisas, a presença do cão não interfere na rotina da instituição e auxilia a interação entre profissionais, pacientes e familiares. Na visão dos profissionais de saúde, a presença do cão é um diferencial na assistência prestada, tornando-se uma estratégia autêntica da humanização hospitalar (ALMEIDA; NASCIMENTO; DUARTE, 2016).

Como pôde-se perceber o cão é o animal mais utilizado para a prática da AAA/T, então torna-se importante salientar que estes animais devem ser protegidos e respeitados nesses programas, não podendo ser tratados apenas como ferramentas, pois antes de tudo eles são seres de alta sensibilidade e merecem o respeito em todos os aspectos. Mesmo que não se possa compreender todos seus comportamentos e muitas vezes não os entendendo de forma completa, devemos reconhecer neles suas qualidades, características e seus limites. Animais domésticos normalmente são mais fáceis de manejar, são excelentes estímulos para essas práticas, mas os animais que estão no lado de fora de nossas casas também têm um grande poder de ajuda, pois como o homem, eles sofrem processos de mudanças, respondem a estímulos, ao ambiente e as suas experiências. Por fim e acima de tudo, os animais são seres e não objetos (DOTTI, 2005).

2.5 Benefícios da Atividade e Terapia Assistida por Animais

O vínculo criado entre homem e animal e o que isso representa na vida humana vem sendo estudado na atualidade, representando um sistema motivacional de modelos internos, onde envolve segurança, proteção, comportamento e restabelecimento da proximidade, fazendo referência à cognição, representação e modelos de afeição, que ativa respostas positivas para situações difíceis de lidar. Estudos associam a aquisição de um cão ou um gato

a redução dos níveis de depressão, aumentando os níveis de felicidade, reflexamente tensões, melhora na qualidade de vida, incremento do bem-estar psicológico e melhora de doenças cardíacas e mentais, ou seja, proprietários de animais tem uma melhora em sua saúde. Há pelo menos 200 anos convivemos com os efeitos benéficos dos animais em nossas vidas, com definições sobre nossa saúde física, emocional e psicológica recheadas de conceitos complexos que devemos estudar para entender se o dono influencia o animal ou o contrário (DOTTI, 2005).

Moreira et al. (2016) diz que o contato cão e paciente proporciona momentos de alegria e felicidade reduzindo os níveis de estresse e fazendo com que organismo libere no sistema imunológico substâncias como a adrenalina e endorfina diminuindo os efeitos da depressão. A presença do animal deve ser valorizada pois deixa os indivíduos mais tranquilos e a vontade na presença da equipe de saúde, muitas vezes facilitando a realização de procedimentos, tranquilizando familiares e diminuindo a percepção da dor e o clima tenso hospitalar que diversas vezes afetam o físico e psicológico destes indivíduos, marcando-os por toda a vida. Além dos benefícios já citados, o autor acrescenta que a equipe de enfermagem nota que essa prática pode reduzir a ansiedade, a solidão, o isolamento, promovendo também o relaxamento, melhora na relação interpessoal e a suavização do clima pesado de um hospital.

Muitas são as vantagens psicológicas e fisiológicas obtidas por meio da implementação da AAA/T, pode-se citar a redução do tempo de internação, percepção da dor, ansiedade, frequência cardíaca, pressão arterial, níveis de colesterol e estresse, melhora da coordenação motora, relacionamento interpessoal, humor do paciente, da sua família e da equipe que presta assistência a ele, além disso a uma melhora na colaboração por parte do paciente em relação ao tratamento proposto pela equipe (ALMEIDA; NASCIMENTO; DUARTE, 2016).

Para Crippa; Feijó (2014) a interação homem e animal é descrita como benéfica melhorando a interação social, o alívio de dores, a diminuição do estresse e ansiedade e até mesmo na recuperação de doenças coronarianas, podendo ocorrer essa interação em diferentes faixas etárias e com patologias distintas. Enfatizasse os notáveis efeitos desta interação no desenvolvimento de crianças de modo a estimular sua consciência social, também se observou benefícios positivos no comportamento social de crianças autistas. Já pacientes idosos diagnosticados com Alzheimer, apresentam uma melhora no desenvolvimento da interação social e em indivíduos geriátricos institucionalizados notasse uma diminuição de níveis de ansiedade. Por fim o autor ressalta ainda que os pacientes esquizofrênicos também apresentaram resultados positivos após estabelecer uma relação com animais.

Estudos relatam experiências de enfermeiras que concluíram que além de aumentar a autoestima do paciente e a vontade de viver, os animais, especificamente os cães, proporcionam um importante elo de comunicação, pois a visita dos animais além de descontrair o ambiente, proporciona maior interação do paciente com os profissionais; contribui para que sejam mais cooperativos nos procedimentos hospitalares, além de atuar como estratégia alternativa no alívio da dor e do desconforto. É comprovado cientificamente que o contato com animais proporciona uma melhora na autoconfiança e na qualidade de vida, reduzindo níveis de ansiedade, pressão arterial, frequência cardíaca, agitação e medo, além de melhorar o sistema imunológico e auxiliar na prevenção da depressão, as práticas com animais acalmam e geram muitos sorrisos (MALAKOSKI; DIAS, 2009).

Observa-se também que a comunicação entre enfermeiro e paciente é de grande valia durante a internação pelo fato desta ser uma ferramenta valiosa para um cuidado mais humanizado e individualizado, tornando um recurso de aproximação a AAA/T facilita esta comunicação e torna-se parte do tratamento, onde o reconhecimento dos sentimentos do paciente é de grande valia para o enfermeiro compreender as suas reais necessidades, possibilitando a realização de um plano de cuidados sistematizado que leva em conta o paciente como um todo (MOREIRA et al., 2016).

Relatos mostram que a interação cão-paciente melhora o padrão cardiovascular, diminuindo a pressão arterial e os níveis de colesterol, produzindo um aumento da concentração plasmática de â-endorfina, ocitocinas, prolactina, dopamina e diminuindo a concentração plasmática de cortisol, substâncias estas que atuam positivamente no estado de ansiedade. Pesquisas demonstram também que essas práticas facilitaram a socialização e a distração durante procedimentos dolorosos, trazendo companhia e lembranças de casa durante o processo de hospitalização (KOBAYASHI et al., 2009).

Além dos efeitos psicológicos, os animais também podem trazer benefícios fisiológicos para as pessoas. Alguns dos benefícios descritos são a redução dos níveis de triglicérides, colesterol, pressão sanguínea e estresse, diminuição da incidência de doenças cardiovasculares e maior facilidade de recuperação em caso de doenças. Quando as pessoas interagem com os animais, falando com eles, acariciando-os ou manuseando-os, há diminuição da frequência cardíaca e pressão arterial, atingindo esta última, valores menores que os observados em pessoas saudáveis na situação de repouso. (VIEIRA et al., 2016, p. 123)

A exposição de Silveira; Santos; Linhares (2011) vêm ao encontro dos outros atores citados anteriormente, demonstrando que a presença dos animais melhora a comunicação, o relacionamento interpessoal e diminui as defesas, facilitando o relacionamento entre profissional-paciente. Com a presença dos animais, é possível observar que os níveis de

ansiedade e estresse são reduzidos durante os procedimentos dolorosos, auxiliando também na promoção do autocuidado, na melhora da depressão e dos parâmetros cardiovasculares, redução do sentimento de solidão, estimulação da atividade física e elevação do bem-estar.

Estudos com pacientes hospitalizados diagnosticados com insuficiência cardíaca, demonstraram que a utilização de animais promove a redução da pressão capilar pulmonar e dos níveis hormonais de epinefrina e norepinefrina. Sabe-se também de diferenças significativas entre a pressão arterial, tanto sistólica quanto diastólica, entre os idosos que tiveram contato com animais, estes estimulam a realização de caminhadas lentas de pequenas distâncias, além dos exercícios com as mãos no momento em que acariciasse os mesmos. Pesquisas mostram que pessoas que interagem com animais, falando com eles, acariciando-os ou manuseando-os, têm uma diminuição da frequência cardíaca e da pressão arterial, pois estes são momentos que promovem tranquilidade e descontração, reforçando assim, a importância do vínculo homem-animal (VIEIRA et al., 2016).

Dotti (2005) expressa que os benefícios encontrados mais significativos e que são proporcionados nesse tipo de prática, podendo ser estendidos a qualquer classe de pessoas são os físicos, mentais, sociais e emocionais. Dentro dos benefícios físicos temos os exercícios e estímulos variados relativos à mobilidade, estabilização da pressão arterial e reações químicas positivas, bem-estar, afastamento do estado de dor, encorajamento das funções da fala e funções físicas. Já na classe dos mentais temos o estímulo à memória da pessoa levando em conta as diversas observações relativas à sua própria vida e dos animais que ela possui contato, exercícios de cognição por meio de material usual do animal, da alimentação e de higiene.

Recreação, diversão, alívio do tédio do cotidiano, afastamento do isolamento, oportunidade de comunicação, sentido de convivência, possibilidade de troca de informações e de ser ouvido, sentimento de segurança, socialização e motivação destacam-se nos benefícios sociais. E como benefícios emocionais temos o amor incondicional, a atenção, espontaneidade das emoções, redução da solidão, diminuição da ansiedade, relaxamento, alegria, reconhecimento de valor, troca de afeto, vínculo, aumento da confiança com o ser humano, reações positivas a estímulos apresentados como a alimentação, tratamentos, necessidades básicas e higiene, enfim, os benefícios das visitas continuam após as mesmas, pois deixam lembranças e experiências positivas para as pessoas (Dotti, 2005).

2.6 A Atividade e Terapia Assistida por Animais e a relação com a Infecção Hospitalar

Conforme Crippa; Feijó (2014) um dos grandes receios dos profissionais da área da saúde em relação ao ingresso de animais em instituições hospitalares refere-se ao perigo de infecção. Ao encontro disso Moreira et al. (2016) esclarecem que os índices de infecção hospitalar entre unidades que recebem a visita de cães e aquelas que não recebem são semelhantes, onde se torna mais comum um visitante humano transmitir infecções aos pacientes do que os animais, visto que é seguido os procedimentos adequados para essa prática, como a higiene e imunização dos animais.

Na opinião de Kobayashi et al. (2009), apesar do reconhecido benefício biopsicossocial do contato homem e animal, os principais inconvenientes estão relacionados a mordidas de animais, alergias e zoonoses. Porém, é importante ressaltar que estudos realizados em ambientes hospitalares concluíram que o número de infecções não se altera durante o período que os animais estão presentes e sabe-se também que é mais comum um visitante humano transmitir infecções aos pacientes do que os animais, quando devidamente limpos e imunizados.

Sabe-se que a presença de animais nas instituições de saúde traz benefícios visíveis a todos os contemplados, entretanto, a companhia animal pode estar associada com a aquisição de doenças como as zoonoses no ambiente hospitalar. Estas são doenças infecciosas transmitidas entre animais vertebrais para humanos em determinadas circunstâncias, mas o contrário também pode ocorrer, ou seja, microrganismos com resistência aos antimicrobianos usuais podem ser transmitidos de pessoas para os animais, promovendo a colonização dos animais por esses agentes. Desta forma, como um método de prevenção de riscos é importante que a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) implemente e monitore estratégias que minimizem essas exposições, através da adoção de medidas e critérios de segurança para todos os envolvidos (SILVEIRA; SANTOS; LINHARES, 2011)

Moreira et al. (2016) coloca que a AAA/T exige diversos cuidados com o animal, como a necessidade de este possuir atestado de saúde, banho prévio e higienização até 24 horas antes do contato, permitir que tenha tempo para fazer suas eliminações fisiológicas, o percurso do animal até o hospital deve ser mínimo para evitar contaminação, acrescenta-se a necessidade da autorização da Comissão de Infecção Hospitalar e também levar em conta o desejo do paciente em receber ou não a visita do animal. Complementando a exposição do autor, Crippa; Feijó (2014) dizem também que é importante que os animais utilizados passem por um acompanhamento veterinário, além de serem de temperamento dócil e obedientes.

Outro ponto importante é reconhecer os fatores de risco dos pacientes que irão participar dessa prática, observando os mais suscetíveis a desenvolver infecções, como pacientes em pós-operatório imediato, alérgicos, imunossuprimidos graves ou que possuem fobia a animais, sendo essa uma responsabilidade designada ao enfermeiro. Durante o contato, deve-se ter cuidado para que o cão não lamba a pele, feridas ou dispositivo, informando qualquer incidente como mordidas, arranhões e alterações de comportamento do animal para a Comissão de Infecção Hospitalar (MOREIRA et al., 2016).

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

O presente estudo utiliza o método de pesquisa qualitativo com abordagem exploratória descritiva. Conforme Lacerda; Costenaro (2016), o método qualitativo não expressa quantidade, volume, intensidade ou frequência e sim descreve as relações sociais e volta-se a análise de casos concretos em suas características locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos, ou seja, é uma forma de trazer o ponto de vista de um indivíduo, localizando-o perante a sociedade e dando a devida visibilidade ao seu caso.

Portanto, os achados qualitativos serão necessários quando o objetivo da pesquisa é descrever ou compreender determinada experiência ou fenômeno. Não visa alcançar respostas precisas ou testar hipótese. Consiste em explorar determinado contexto em que uma pessoa interpreta sua experiência e atende às perguntas “como” e “o que”. Para as autoras, são questões que se relacionam com saberes, preferências, experiências, preocupações e prioridades. Dessa forma, a pesquisa qualitativa gera conhecimento sobre importantes aspectos da experiência humana. Assim, as experiências de vida são fundamentais para compreender determinada situação e permitem aos pesquisadores analisar e revelar novos significados e entendimentos que estão enraizados nas vivências das pessoas (LACERDA; COSTENARO, 2016, p. 101).

O processo de pesquisa qualitativa é indutivo, situando-se em um contexto em que o pesquisador produz significados a partir da coleta de dados por meio de materiais empíricos, como a entrevista, que descrevem momentos da vida dos indivíduos, possibilitando assim que o pesquisador analise os dados e escreva a seu respeito. Direcionando esse tipo de pesquisa para a área da enfermagem, as autoras referem que o enfermeiro utiliza a abordagem qualitativa quando tem o objetivo de se aprofundar e compreender os significados do fenômeno do estudo para produzir evidências para a prática, estas podendo então serem aplicadas ao cuidado de enfermagem, com contribuições significativas para a prática baseada em evidências, para o desenvolvimento do conhecimento e a organização das práticas de cuidado (LACERDA; COSTENARO, 2016).

Lacerda; Costenaro (2016) também definem a pesquisa de abordagem exploratória descritiva. Para as autoras a pesquisa exploratória tem por objetivo desenvolver, explicar e modificar conceitos e ideias para a formulação de abordagens posteriores, sendo recomendada quando o tema estudado é pouco explorado, tendo por finalidade proporcionar informações sobre o assunto ou descobrir um novo tipo de enfoque sobre ele. Já a pesquisa descritiva tem como objetivo a descrição das características de uma população, um fenômeno ou uma experiência, propondo-se a observar fatos, registrando-os, analisando-os, classificando-os e

interpretando-os. Nela o assunto da pesquisa já é conhecido e sua contribuição passa a ser no sentido de proporcionar novas visões sobre ele. Referente ao modo de coleta de dados, a pesquisa descritiva utiliza instrumentos e técnicas mais estruturados e sistematizados, diferindo-a da pesquisa exploratória que pode ser focada em um levantamento bibliográfico, entrevistas ou observações.

3.2 Local da pesquisa

O estudo foi desenvolvido na unidade de internação denominada Ala Santo Antônio, localizada no Hospital Santa Cruz na cidade de Santa Cruz do Sul estado do Rio Grande do Sul. Esta unidade recebe pacientes conveniados com os principais planos de saúde e particulares, estes podendo ser clínicos ou cirúrgicos, possuindo no total 25 leitos para internação, sendo 20 leitos semiprivativos e 05 leitos privativos. Esse local foi escolhido pelo fato de acomodar pacientes com estado de saúde mais estável, muitos pós-cirúrgicos e que teriam condições de participar deste estudo.

3.3 Sujeito do estudo

Os sujeitos deste estudo foram todos os pacientes internados, com consentimento, clínicos ou cirúrgicos, de ambos os sexos, internados no período de 09 a 31 de agosto de 2017 na unidade de internação Ala Santo Antônio do Hospital Santa Cruz. No total foram aplicadas 24 entrevistas de um total de 54 pacientes internados nesse período, conforme relatório gerado pelo sistema de gerenciamento de internações da própria instituição. Os demais pacientes internados neste período, não foram entrevistados devido ao pouco tempo de permanência na instituição e também pela grande demanda de procedimentos rotineiros da unidade, muitas vezes não havendo tempo hábil para aplicar a entrevista. Os 24 pacientes convidados aceitaram participar do estudo, bem como responder a entrevista e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A).

3.4 Instrumento para coleta de dados

Como instrumento para a coleta de dados, foi utilizado uma entrevista semiestruturada com questões norteadoras abordando o tema Atividade Assistida com Animais (APÊNDICE B). Durante a aplicação da entrevista, os sujeitos tiveram total liberdade para falar sobre o tema, bem como fazer questionamentos e sugestões.

Para Lacerda; Costenaro (2016), na entrevista semiestruturada o pesquisador determina previamente as perguntas que serão realizadas, estas podem ser do tipo abertas ou fechadas,

permitindo assim o aprofundamento das respostas obtidas as questões da pesquisa durante a entrevista, sem perder o foco do estudo. Esse tipo de entrevista exige uma escuta cuidadosa por parte do pesquisador, para assim esse se aprofundar e alcançar os objetivos da pesquisa

3.5 Procedimentos

Foi encaminhado ao Hospital Santa Cruz (HSC) uma solicitação formal para o desenvolvimento do estudo na referida ala de internação. Após a autorização do Hospital, este foi encaminhado ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade de Santa Cruz do Sul para apreciação, onde após a submissão foi aprovado no dia 11 de julho de 2017 com o nº 2.167.742. Após o parecer favorável do referido comitê foi possível dar início a coleta de dados, a qual se deu no período de 09 a 31 de agosto de 2017, onde foi aplicado uma entrevista individual semiestruturada com questões norteadoras sobre o tema, sendo conduzida e aplicada pela própria acadêmica pesquisadora, no leito dos pacientes internados na Ala Santo Antônio do Hospital Santa Cruz.

Quanto aos princípios éticos, os sujeitos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido conforme as normas da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde sobre as pesquisas que envolvem seres humanos. Este foi assinado por ambas as partes, em duas vias de igual forma e teor, onde uma via ficou com a entrevistadora e outra com os entrevistados. O termo será arquivado por um período de cinco anos e após serão desprezados. Ressalta-se que os participantes do estudo terão seus nomes mantidos em sigilo, sendo substituídos por termos como P1 correspondendo ao primeiro sujeito entrevistado a P24 correspondendo ao último sujeito. Assim, foram seguidos os preceitos éticos e assegurado o anonimato dos participantes, além de serem comunicados que os dados da entrevista serão utilizados apenas para a análise na presente pesquisa.

3.6 Análise de dados

A análise dos dados se deu através da técnica de Análise de Discurso que, conforme Lacerda; Costenaro (2016), possui foco nos efeitos da superfície para identificar a estrutura profunda, estabelecendo ligações entre as situações nas quais o sujeito se encontra e as manifestações semântico-sintáticas, referindo-se ao sentido da palavra e a lógica que esta tem dentro de uma frase, da superfície discursiva ou a desconstrução do discurso, ou seja, a Análise de Discurso não explora somente o que está escrito, mas o sentido das palavras utilizadas para a formulação da frase no contexto que o indivíduo que a escreveu se encontra naquele momento.

Para Fischer (2001) analisar o discurso, segundo a perspectiva de Foucault, seria dar conta das relações históricas, de práticas muito concretas, que estão vivas nos discursos. Isso significa que é preciso trabalhar com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é único, tentando não olhar os discursos apenas como um conjunto de símbolos, como significantes que se referem a determinados conteúdos, carregando significados, quase sempre ocultos, dissimulados, distorcidos, intencionalmente corrompidos, cheio de reais intenções, conteúdos e representações, escondidos nos e pelos textos, não imediatamente visíveis.

Desta forma, este estudo se fundamenta na Análise do Discurso francesa, a partir das ideias de Foucault, buscando analisar profundamente o conteúdo das entrevistas semiestruturadas, afim de identificar todos os sentimentos e emoções que o paciente sentiu respondendo a entrevista semiestruturada.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para apresentar a análise dos dados deste estudo, os resultados foram divididos em categorias temáticas resultando em três subcapítulos, sendo que o primeiro se voltará a caracterização dos sujeitos da pesquisa, o segundo capítulo demonstrará o significado do animal de estimação para os pacientes entrevistados e o último contempla as percepções dos sujeitos do estudo frente a visita do animal de estimação no ambiente hospitalar e seus benefícios.

4.1 Caracterização dos sujeitos.

Foram entrevistados 24 pacientes internados na Ala Santo Antônio (ASA) do Hospital Santa Cruz (HSC). Destes 13 eram pacientes clínicos e 11 cirúrgicos, com uma média de internação de 2 a 3 dias, tendo somente um paciente com período de internação clínica de 10 dias. No total foram 16 sujeitos do sexo feminino e 8 do sexo masculino, com média de idade superior a 60 anos, sendo que o mais jovem tinha 15 anos e o mais idoso 89 anos.

Referente a relação dos sujeitos com animais de estimação, 19 possuem algum tipo de animal e 5 não possuem, destacando que destes 5 sujeitos 2 perderam seus animais a menos de um ano e 2 não possuem pois moram em condomínios onde não é permitido ter animais. O animal de estimação que mais destacou-se foi o cão, presente na vida de 13 sujeitos, já os felinos são os animais escolhidos por 2 sujeitos. Houveram também 2 sujeitos que referiram possuir cão e gato e 2 sujeitos que relataram possuir animais variados como cão, gato, equinos, bovinos, suínos e pássaros. Estes vivem no interior e demonstraram ter muito afeto também por estes animais. Ao questionar os sujeitos sobre o local que os animais permanecem a maior parte do tempo, 7 responderam que estes vivem somente no pátio e 12 referiram que vivem dentro de casa, tendo liberdade para circular onde tem vontade.

Estes dados vêm ao encontro da colocação de Pulga (2015), quando coloca que pela primeira vez o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) incluiu perguntas sobre animais domésticos na Pesquisa Nacional de Saúde aplicada em 2013, sendo que seus resultados foram apresentados em 2015 revelando que 44,3% dos lares brasileiros têm pelo menos um cão, correspondendo a 28,9 milhões de domicílios. Referente aos felinos, a pesquisa mostrou que eles estão presentes em 17,7% das casas, totalizando uma população próxima de 22,1 milhões. No total, cães e gatos de companhia somam 74,3 milhões de indivíduos no nosso país. Enquanto isso, na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

(PNAD) também realizada pelo IBGE em 2013, evidenciou-se que a população de crianças de até 14 anos nos lares do país era de 44,9 milhões.

Outra pesquisa revelou que aproximadamente 98% dos proprietários sentem que o animal de estimação é ou quase é um membro da família, e que 54% dos proprietários são emocionalmente dependentes de seus animais, oferecendo sustentação à ideia de que a vida humana compartilhada com os animais está sendo instituída como nova forma de existência. Estes animais muitas vezes ajudam a manter o equilíbrio emocional, visto que o rápido desenvolvimento da civilização moderna tende a isolar os seres humanos uns dos outros. Assim, os animais estão assumindo grande importância na manutenção da saúde mental e física das pessoas, sendo cada vez mais considerados membros da família, e até mesmo substituindo filhos e outros familiares, ocasionando um aumento no fenômeno denominado de antropomorfismo ou humanização de animais, considerando o animal além de suas características biológicas, recriando-o com atributos humanos e tratando-o como se assim o fosse (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009).

4.2 Significado do animal de estimação para os pacientes.

Ao se questionar os sujeitos da pesquisa sobre a relação que eles têm com seus animais de estimação e a importância desse animal para eles, pode-se perceber que grande parte dos sujeitos os consideram como um membro da família, muitas vezes substituindo a ausência dos filhos, que crescem e saem de casa, permanecendo na residência apenas o casal de idosos, que passam a ter um animalzinho para lhe fazer companhia, ser uma distração ou ainda para terem a sensação de responsabilidade de cuidar de alguém novamente, se preocupar se está se alimentando, tomando bastante água, dormindo bem ou se está em boas condições de saúde.

Pessoas idosas geralmente tratam seus animais de estimação como membros da própria família, pois nessa fase da vida ter um animal de estimação pode contribuir para o alívio e o conforto em momentos que são comuns nessa etapa, como as perdas e as mudanças. Além disso, os animais possibilitam uma melhor autoestima e estimulam a convivência social do idoso. Estudos vem demonstrando que nas famílias americanas os animais de estimação já são considerados amigos e/ou membros da família (GIUMELLI; SANTOS, 2016).

Os resultados satisfatórios do convívio dos idosos com os animais de estimação já são evidenciados, pois o animal estimula o carinho e a afetividade, justamente na época em que são fortes os momentos de lembrança e história de vida. Alguns países europeus, estimulam os idosos a adotar cães afim de melhorar sua saúde, pois na medida que se sentem responsáveis por algo, tornam-se mais dispostos a sair de casa e passear, gerando efeitos

notórios até na diminuição na quantidade de medicamentos utilizados (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009).

Para Carvalho; Pessanha (2013) os animais de estimação assumiram um papel diferenciado nas relações intrafamiliares e nas residências brasileiras, de modo que o proprietário identifica o seu animal como membro da família, participando das atividades diárias, recebendo carinho, proteção, segurança, chegando a serem tratados como “filhos”, satisfazendo as necessidades humanas de companhia, amizade, amor incondicional e afeto. Os autores enfatizam também que é possível identificar diversos benefícios da convivência de indivíduos com seus animais de estimação, citando o amor, a segurança o suporte emocional como alguns, pois os proprietários veem seus animais como “sujeitos” com qualidades humanas, relação esta que recebe a denominação de “antropomorfismo”.

“Muito próxima de nós dois, muito apego [...] quando ela era filhote tentamos colocar ela na escolinha da polícia e não aguentamos, buscamos ela de volta, muita saudade [...] nosso filho tem 35 anos, tem a família dele, daí ela se tornou a nossa bebê, sempre junto de nós, nos fazendo feliz [...] ela é tudo para nós, nossa filha, você acredita que ela tem nome e sobrenome (risos)” (P16).

“Eu converso com ele, faço muito carinho nele [...] ele é meu neto, meu amigo, muito importante para mim [...] quando eu saio, digo para ele: filhote, a vó já volta (risos) e ele fica pulando e latindo na tela, parece que entende” (P10).

“Os cães são minha terapia [...] nossas filhas moram fora e os cães substituem elas [...] para mim são super importantes, eu cuido deles, dou até bolacha (risos)” (P4).

“Nós morávamos no interior, tinha muitos bichos, daí vendemos e agora moramos em um apartamento [...] cheio das frescuras lá [...] não pode ter nada, nem um cachorrinho para nos fazer companhia” (P3).

Destaca-se que nenhum sujeito participante deste estudo citou aspectos negativos relacionados a convivência com os animais de estimação.

A humanização dos animais tem muito a ver com as mudanças sociais e com a reestruturação das famílias, pois o cuidado que antes era dado a um filho único, hoje é transferido para os animais. Já os casais sem filhos, idosos e solitários transferiram afeto e atenção para o animal, que como eles mesmo mencionam, o bicho não reclama, não briga, não pede mesada e não faz malcriação. Se tornando mais fácil cuidar de um animal, que será um eterno dependente, do que de um filho que, quando adulto, pode ir embora (PULGA, 2015).

As autoras Tatibana; Costa-Val (2009) complementam dizendo que os animais de estimação funcionam como uma criança substituta, que nunca crescerá, será independente e sairá de casa, permitindo dar vazão ao instinto de cuidar de alguém, inato em qualquer ser humano. Essa situação é observada em casais sem filhos, em casais de idosos e também em

famílias com uma, duas ou muitas crianças, nas quais ao animal é conferido o “status” permanente de criança mais nova.

Percebeu-se também que os proprietários têm uma relação de amor, amizade, companheirismo, apego com seus animais de estimação, que essa relação é importante para o seu bem-estar físico e mental. Em vários momentos foi notório a satisfação e alegria dos pacientes ao contar da relação que mantêm com seus animais. Muitos até se emocionaram em falar e se lembrar de seus bichos. Ficou evidente a mudança emocional dos pacientes em relação à recepção da entrevistadora quando se falava sobre o assunto da pesquisa. Muitos estavam prostrados, pouco comunicativos ao serem abordados, mas quando se iniciava a entrevista alguns chegavam a se sentar no leito para poder conversar e contar situações vividas, outros até agradeciam pela oportunidade em poder falar sobre isso, pois ali, no ambiente hospitalar, normalmente as pessoas que os visitavam somente perguntavam da doença, se tinham dor, assuntos referentes a internação, e que era muito bom poder falar sobre coisas que os remetem a momentos felizes.

Um aspecto observado em diferentes estudos é que pesquisas com o tema relacionado ao convívio com animais de estimação, tem uma maior facilidade de adesão e aceitação, isso pode estar relacionado com o fato de que os animais estão cada vez mais presentes na vida das pessoas, tornando essa relação significativa em diferentes aspectos. Outro aspecto relevante, são as demonstrações não verbais dos sujeitos durante a aplicação da pesquisa, os quais mostram-se emocionados ao falar dos seus sentimentos referentes aos animais de estimação, podendo estas demonstrações serem apenas alterações da expressão facial, até mesmo olhos marejados. Desta forma é possível perceber que o tema, relação com animais de estimação, toca os sujeitos da pesquisa e traz uma reflexão sobre como ainda há necessidade de falar sobre essa relação do homem com os animais de estimação (GIUMELLII; SANTOS, 2016).

“O Ted morreu a menos de um ano, teve que ser sacrificado pois tinha câncer [...] era como se fosse um filho, pois meus filhos não moram mais com nós [...] era um membro da família, nosso companheiro [...] Hoje eu cuido dos cachorros do meu filho (risos)” (P1).

O sujeito demonstra tristeza ao falar da perda do cão de estimação. Mas ao ser questionado quanto a importância que o cão tinha para ela, a expressão facial já era de felicidade.

“De 0 a 10? 11 [...] O Ted supriu a ausência dos meus filhos [...] ele tinha a mesma importância dos meus filhos” (P1).

“Ele tem nome, mas só atende por filhinho (risos) [...] um amor fora do comum [...] ele me dá alegria, conforto e não pede nada em troca [...] ele é vital pra mim, sabe bem minha rotina, me ajudou na minha recuperação da depressão ” (P20).

O sujeito também se emociona ao falar de seu cão, pois estava a 20 dias distante de sua casa, de sua cidade e sem ver o seu animal de estimação.

Para Tatibana; Costa-Val (2009) o animal de estimação se doa completamente e não cobra nada em troca, este aceita os fatos sem julgamentos, não apresenta os problemas e as exigências da comunidade humana e não tem o atributo da vontade tão desenvolvido, portanto, a compensação da solidão e a transferência do apego de uma pessoa a um animal podem ser mais fácil do que com outro ser humano, criando um vínculo forte e duradouro.

Pulga (2015) cita a perda dos animais de estimação, trazendo que essa perda é um processo de luto, um momento de aceitação, que é muito difícil e sofrido para as pessoas sensíveis, podendo variar sua intensidade de pessoa para pessoa, e as vezes se tornando mais intensa do que a perda de uma pessoa da família. Como justificativa para essa colocação, o autor acrescenta que os proprietários têm um vínculo afetivo e emocional muito forte com seus animais, os quais participam de momentos bons e ruins de sua vida. Essa colocação vem ao encontro da fala trazida abaixo.

“Ágata era um mimo, muito querida, vivia dentro de casa e era muito próxima do meu filho [...] ela era uma pessoa, sentia quando estávamos depressivos [...] já o cão era grande, vivia no pátio, mas era muito próximo a nós, muito querido também [...] Perdemos os dois praticamente juntos, a pouco tempo, mais ou menos 1 ano [...] Foi muito triste a perda deles, se lembramos até hoje deles [...] foi um luto de quase 1 mês para toda a família” (P18).

O sujeito, cuja fala foi trazida acima, e seu marido se emocionaram ao lembrar de seus dois animais de estimação, demonstrando que esta perda foi muito difícil para ambos e também para o restante da família.

Os animais de estimação, além de representarem uma fonte de apego e afeto, desempenham diferentes papéis na vida do indivíduo, no círculo familiar ou num contexto social mais amplo. Estudos mostram que a convivência com animais de estimação pode ser avaliada através das estimativas populacionais, que mostram uma superpopulação de cães e gatos como animais de estimação, mantendo a concepção de que a vida humana compartilhada com os animais se tornou uma forma de existência, atendendo as necessidades atuais de determinados grupos de pessoas (ALMEIDA; ALMEIDA; BRAGA, 2009).

Um dos sujeitos é uma paciente muito nova, portadora de uma doença rara e que não interage verbalmente, então a entrevista foi aplicada com sua mãe e ela contribuía com sinais

e movimentos que conseguia realizar. A mãe conta que ela é muito apegada aos seus cães de estimação e que eles são fundamentais no dia a dia da paciente, pois são suas companhias. Além disso, a mãe complementa dizendo que os cães são tudo para ela, que ela se preocupa muito com os cães, não só os dela, mas os que são resgatados pelo seu irmão, que é membro de uma ONG de proteção aos animais.

“Os cães dormem com ela, cuidam dela, estão sempre junto dela, são a companhia dela durante o dia, né filha [...] Antes dela ir deitar ela arruma primeiro os cães [...] ela é muito preocupada com todos eles ” (P19).

A menina sorri muito durante a fala de sua mãe, demonstrando muita felicidade com o que ela contava para a entrevistadora. Já no momento que sua mãe questiona o amor que ela sente por seus animais de estimação e sua proximidade com eles, ela faz sinal positivo com a cabeça e sorri muito novamente.

Durante a aplicação da entrevista identificou-se que um outro sujeito mantinha um olhar triste e solitário, aparentava estar em estado depressivo. Ele estava sempre sozinho e dificilmente recebia visitas durante o período de internação. Então no momento da entrevista foi perguntado ao paciente o porquê estava tão triste, então ele contou que perdeu sua esposa em janeiro desse ano, que não tem filhos e que vive sozinho, tendo somente os cães como sua família e que ia gostar de receber a visita de seus companheiros. Nesse momento notou-se uma alegria por parte deste sujeito, ele demonstrou felicidade ao falar de seus cães, esboçou até sorrisos ao lembrar da rotina deles.

“Eu chego para tomar chimarrão e deita os três no meu lado [...] Eu cuido e trato eles, são os únicos que estão me acompanhando [...] eles são muito importantes, quando morreu um, fui lá e adotei outro [...] acho falta deles aqui, mas não tem o que fazer [...] eles iam ficar comigo, me fazer companhia ” (P7).

Conforme Rocha (2015) diferentes autores colocam que os animais de estimação ajudam indivíduos a enfrentar, conviver e aceitar diferentes doenças físicas e até mesmo a depressão. Esses animais oferecem amizade, segurança e melhora o sentimento de solidão, promovendo o bem-estar. A autora enfatiza também que a convivência com animais de estimação em processo de luto recente auxilia para um menor índice de uso de drogas e menos sintomas psiquiátricos, isso comparado a indivíduos que não possuíam contato com animais de estimação nesse período de tristeza.

Atualmente metade das famílias ocidentais possui animais de estimação. Essa convivência vem trazendo um vasto conhecimento sobre a relação humano-pets em nível familiar e social, bem como o significado de pets em nossas vidas. Além disso, evidenciase

os diversos benefícios dessa relação em situações especiais e importantes da vida dos indivíduos, como na infância, adolescência, separação, viuvez e velhice (ALMEIDA; ALMEIDA; BRAGA, 2009).

Já referente às questões que se destinavam ao sentimento de estar distante de seus animais de estimação e sobre a postura que o cão desempenha estando distante deles, a maioria dos sujeitos responderam que sentem saudade da convivência, falta do contato e da companhia do animal, além de tristeza por estar distante deles e preocupação com ele, mas que nesse momento, não tem o que fazer perante isso. Já referente ao comportamento do animal, eles relatam que acham que deve estar sentindo sua falta, procurando-o pela casa, sem se alimentar, deprimido, chorando e em desespero pela sua ausência, ou até mesmo fazendo arte, já que é esse tipo de comportamento que normalmente o animal tem quando o proprietário se ausenta por poucas horas.

“Tristeza sem fim, me sinto péssima em estrá longe [...] no domingo até falei com ele no telefone (risos) Dai me perguntaram se eu não queria receber a visita dos meus filhos [...] queria a do cachorro também (risos)” (P20).

“Da saudade sabe [...] a gente gosta de passar a mão neles, de cuidar [...] eu sinto falta dele” (P8).

“Sinto falta dela, peço até notícias [...] meu deus (se emociona) [...] os animais não falam, mais sentem tudo como nós... inclusive a saudade [...] até convidei ela para vir pro hospital (risos) [...] ela é minha companheira de soneca, fica bem grudadinha em mim” (P17).

“Eles devem estar sentindo minha falta [...] muito [...] não vejo a hora de ir embora, perto dos meus cachorros ia estar muito melhor” (P22).

“Fico preocupada quando estamos longe dela, ela não come, não toma água, fica depressiva a coitadinha, procurando nós, sofrendo [...] ela não gosta quando ficamos longe e agente também não” (P16).

Portanto, fica evidente que existe um vínculo amoroso entre homem e animal de estimação e que a força dessa ligação permitiu que os animais se tornassem membros da família. Essa relação possui benefícios mútuos, que influenciam comportamentos essenciais para a saúde e bem-estar de ambos, como o envolvimento aos cuidados de alimentação, higiene e passeio do animal, além de benéficos especialmente aos seres humanos, pois na maioria das vezes tais comportamentos estão associados a hábitos saudáveis, como por exemplo a caminhada. Por fim, a autora coloca que não se pode negar que os pacientes proprietários de animais de estimação têm uma ligação muito forte com seus animais, e que mesmo em péssimas condições físicas, eles ficam determinados a chegar em casa e ver seu animal de estimação, o que resulta em uma motivação importante na reabilitação após uma

lesão ou doença, assim, criando um equilíbrio entre a mente e corpo das pessoas (ROCHA, 2015).

Mesmo diante de muitos relatos que os animais de estimação são importantes aos indivíduos, e muitas vezes considerados membros da família, é importante salientar que um sujeito não tem um envolvimento tão próximo com seus animais de estimação e que sua relação com eles é mais distante, não tão afetuosa e familiar como os demais.

“Lugar de bicho é na rua mesmo [...] eles são bichos de estimação, sem muita proximidade [...] quando chego em casa eles vem, brincam e pulam, mas é só isso” (P2).

4.3 A visita do animal de estimação no ambiente hospitalar e seus benefícios.

Para finalizar a entrevista, foi perguntado aos pacientes se gostariam de receber a visita do animal de estimação durante o período de internação hospitalar e quais os benefícios que essa visita lhe traria. Dos 24 pacientes entrevistados, 18 responderam que sim e 6 pacientes responderam que não gostariam de receber a visita. Referente aos benefícios, os mais citados foram a sensação de alegria, felicidade, conforto e carinho relacionada a visita do animal de estimação. Além destes, teve-se também referências ao auxílio na cura, descontração do clima hospitalar, melhora no psicológico, emocional e autoestima, como forma de companhia, de esquecer a doença, de humanizar o período de internação, de renovar as energias e de facilitar e auxiliar o relacionamento da equipe com o paciente.

Fica evidente que grande parte dos pacientes internados gostariam de receber a visita do seu animal de estimação e essa vontade foi demonstrada desde o momento que foi realizada a abordagem dos indivíduos, os quais muitas vezes demonstram extrema felicidade ao responder a entrevista. Rocha (2015) diz que o sorriso do paciente é o sinal mais frequente e constante ao se realizar esse tipo de prática, e que ele é a senha para se perceber que o paciente aceita ser visitado por algum animal. Kobayashi et al., (2009) complementa dizendo que o cão é o animal mais utilizado nessa prática justamente por apresentar uma afeição natural pelo homem e proporcionar respostas positivas ao toque, possuindo assim uma maior aceitação por parte das pessoas, o autor finaliza colocando que é difícil um indivíduo não aceitar esse contato.

“Quem não vai gostar de receber a visita de quem gosta da gente [...] eles ajudam a esquecer a doença, dão mais força para ir pra casa [...] a gente se sente mais confortável com o bicho” (P4).

“Ja adorar receber a visita dela [...] ia me sentir mais alegre e feliz [...] hospital é só por necessidade mesmo” (P17).

“Mas claro, com certeza, sem dúvida alguma [...] sempre me trouxe muitos benefícios e nesse momento me traria muita felicidade [...] não sei te dizer com palavras bonitas e técnicas o benefício, só sei que é muita felicidade só de pensar” (P16).

“Ia querer receber a visita dos 4, um por vez [...] eu gosto muito dos meus cachorros e ia querer eles aqui comigo [...] eles trazem alegria e me fazem companhia” (P22).

Estudos trazem que a presença do animal de estimação deve ser valorizada dentro das instituições hospitalares, pois ele proporciona momentos de alegria e felicidade reduzindo os níveis de estresse, ansiedade, solidão e sensação de isolamento, promovendo o relaxamento e transmitindo tranquilidade. Além disso, a presença dos animais facilita o relacionamento entre paciente e equipe de saúde, contribuindo para a diminuição da percepção da dor e o clima tenso hospitalar que por vezes afetam físico e psicológico destes indivíduos (MOREIRA et al., 2016).

Rocha (2015) acrescenta que as atividades com animais dentro das instituições hospitalares é mais uma opção à disposição do enfermeiro para facilitar sua interação com o paciente e torna-la mais agradável, ou seja, essa prática é um excelente recurso de aproximação entre ambos, pois por vezes tense o medo, a insegurança e até mesmo a inibição de abordar outra pessoa e nesses momentos o uso animal pode se tornar um grande aliado da equipe de enfermagem.

“O bicho te anima muito, traz alegria [...] eles são terapêuticos, ativam a memória, traz felicidade, só coisas boas [...] a gente vê na televisão que essa atividade é muito boa para idoso e crianças né [...] ajuda nos relacionamentos, muitas vezes essas pessoas não conversam, não interagem e com o bicho tudo muda” (P18).

“Traz alegria, conforto, parece que não estamos só [...] animal é fundamental” (P20).

“A visita do cão descontraí e alivia esse clima hospitalar [...] ajuda a melhorar e melhora a autoestima” (P9).

“Ia humanizar mesmo [...] aumenta a possibilidade de cura e melhora o clima hospitalar [...] o bicho transmite essa coisa de carinho” (P24).

Estudos recentes trazem que cada vez mais a enfermagem tem aderido as práticas com animais afim de reduzir a dor, a ansiedade, o estresse, aumentar a socialização, a qualidade de vida dos pacientes, objetivando também suavizar do clima pesado de um ambiente hospitalar e melhorar a comunicação entre equipe e paciente, que é algo de grande valor durante os cuidados prestados, podendo ser uma valiosa ferramenta para um cuidado mais humanizado e individualizado. É através dessa comunicação e aproximação do paciente, que o enfermeiro consegue compreender suas necessidades reais, possibilitando que se realize um plano de cuidados sistematizado, levando em conta o indivíduo como um todo e desenvolvendo uma

postura empática. A enfermagem tem se destacado como uma profissão de importante proximidade com o paciente e por isso é responsável por um olhar holístico que contempla, no processo de cuidar, as dimensões biológica, mental, emocional e espiritual do ser humano, apontando para um campo de atuação em expansão e que merece ser difundido entre a profissão (MOREIRA et al., 2016).

As práticas com animais de estimação proporcionam mais humanização ao ambiente hospitalar, trazendo benefícios para as relações interpessoais, emocionais e espirituais. É comprovado cientificamente que o contato com animais de estimação proporciona uma melhora na autoconfiança e na qualidade de vida dos pacientes, reduzindo níveis de ansiedade, agitação e medo, além de melhorar o sistema imunológico e auxiliar na prevenção da depressão. Essas práticas além de acalmar os indivíduos, geram muitos momentos de alegria (MALAKOSKI; DIAS, 2009).

Oliveira (2016) salienta que a enfermagem tem uma forma mais ampla de cuidar e mais próxima ao paciente, devendo procurar desempenhar o papel de protagonista frente as preocupações de humanizar a assistência e os cuidados. A atenção humanizada é um contraponto da abordagem técnica focada na patologia e na solução de intercorrências, dividida entre múltiplos profissionais, sem a preocupação com a resposta do paciente e sua família frente a doença ou situação. Já a humanização inclui o acolhimento, a escuta, a atenção e cuidados voltados para a pessoa em seu todo e sua singularidade, tornando-se um conjunto de práticas e atitudes que visam criar um ambiente mais agradável, relaxado, desestressante e voltado as necessidades do indivíduo e sua realidade cultural.

Observou-se que alguns participantes da pesquisa referiam perceber os benefícios psicológicos provenientes da convivência com os animais de estimação. Esse achado vem ao encontro da colocação de Tatibana; Costa-Val (2009) quando as autoras trazem que a melhora psicológica e emocional no convívio entre pessoas e seus animais de estimação tem sido cada vez mais relatada por pesquisadores, revelando uma melhora na qualidade de vida após a introdução destes animais. As autoras colocam também que se inicia uma nova fase, onde a aproximação do homem com os animais será vista muito mais naturalmente, e se tornará imprescindível para a harmonia e bem-estar dos envolvidos, em uma época cercada de incerteza e desconfiança, o animal de estimação é uma certeza de lealdade e autenticidade nem sempre encontrada de forma satisfatória nas relações com outro humano.

“Acredito que isso faz bem para o doente, principalmente para o psicológico [...] muitas vezes a doença tem início e fim na nossa cabeça [...] Então, os bichos influenciam justamente no psicológico da pessoa [...] influenciam positivamente” (P12).

“Acho que melhora o psicológico do paciente, faz bem [...] eu não tenho bicho, mas para quem tem deve fazer muito bem [...] acredito que essas pessoas que são mais apegadas iriam querer receber a visita sim” (P13).

“Há 3 anos tive depressão porque estou longe da minha família [...] então ganhei ele dos meus filhos para me ajudar a enfrentar a depressão [...] hoje ele é tudo para mim [...] me ajudou na minha recuperação da depressão, ganhei ele para me curar e ele me curou em 2 meses [...] sem medicação” (P20).

Dotti (2005) afirma que há muitos anos se convive com efeitos benéficos dos animais para a saúde física, emocional e psicológica. Existem estudos que associam a aquisição de um cão ou um gato a redução dos níveis de depressão, aumentando os níveis de felicidade, aliviando tensões, melhorando a qualidade de vida, incrementando o bem-estar psicológico e melhorando doenças cardíacas e mentais, ou seja, proprietários de animais tem uma melhora em sua saúde. Esses benefícios se dão pelo fato do forte vínculo criado entre homem e animal de estimação, representando sentimentos de segurança, proteção, restabelecimento da proximidade, referindo-se à cognição e representando modelos de afeição, que ativam as respostas positivas para situações difíceis de lidar.

Já para de Moreira et al. (2016) o momento de interação entre paciente e animal de estimação traz alegria e felicidade, fazendo com que o organismo reduza o nível de estresse e libere no sistema imunológico substâncias como a endorfina e adrenalina, minimizando os efeitos da depressão. A simples presença do animal de estimação deixa o paciente mais tranquilo e a vontade na presença da equipe de saúde, facilitando inclusive a realização de procedimentos, diminuindo a percepção da dor e do clima sobrecarregado do hospital.

Na visão de Pulga (2015) os animais possuem um olfato apurado e por isso conseguem distinguir e reconhecer cheiros que os homens exalam em diferentes situações, como a de medo, ansiedade e estresse, além disso, eles conseguem identificar a tristeza de seu proprietário pela sua postura corporal, e nessa hora mostram sua real amizade e fidelidade que não são simples projeções humanas.

“Faz bem para o lado emocional [...] é como receber a visita de um familiar [...] muitas vezes o cão tem mais sensibilidade que as pessoas” (P14)

Giumellii; Santos (2016) acrescenta que os animais também podem ser considerados uma fonte de amor, alegria, carinho e companheirismo, trazendo o sentimento de não estar só, de alívio por ter a sua companhia, compaixão e sensação de relaxamento, além de serem uma forma de contato, gerando algo nutritivo para o homem.

“Com certeza [...] acho que o animal supre a companhia das pessoas, pois todos trabalham, e ele sempre está disposto a te fazer companhia [...] tenho conhecimento que o animal faz esquecer o problema, a dor, a doença [...] o familiar que está envolvido também melhora [...] o problema vai continuar, mas pra tua cabeça vai fazer bem e pra dos familiares também” (P1).

“Deus o livre! [...] tenho muito apego por eles, vivem comigo [...] vou para o campo e eles vão junto e me esperam voltar [...] é uma companhia, trazem paz, uma coisa boa [...] um ambiente bom, sabe [...] quem vive com animais vê as coisas diferente” (P23).

Durante a entrevista surgiu uma fala que merece ênfase, a qual está relacionada a preocupação em relação aos cuidados e medidas tomadas pela instituição para que a visita do animal de estimação ocorra de forma segura.

“Acho que faz bem sim esse contato, mas acredito que deve ter um protocolo para a entrada do cão” (P14)

Rocha (2015) traz que para evitar acidentes e zoonoses relacionados a visita de animais de estimação em ambiente hospitalar, é fundamental a existência de protocolos contendo normas e rotinas de segurança, e que tais critérios sejam claros e realizáveis por todos os participantes. Desta forma, os riscos clínicos podem ser minimizados, pois assim se tem um controle de infecções e uma queda potencial nos acidentes.

Já se tem conhecimento dos benefícios e riscos da entrada de animais de estimação nas instituições hospitalares. Essa prática é benéfica para crianças e adultos hospitalizados, sendo indicada como medida adjuvante em diversas situações clínicas por proporcionar benefícios emocionais para os pacientes, familiares e para a própria equipe de saúde, além de reduzir o impacto e estresse gerado pela situação da doença e da hospitalização. Porém, ainda existe muitas dúvidas e preconceito a respeito da interação de cães e gatos com pessoas doentes, muitas vezes sendo necessária uma intervenção profissional para desmistificar crenças pré-existentes e garantir a convivência segura e saudável entre pacientes e animais (TATIBANA; COSTA-VAL, 2009).

A colocação do autor Oliveira (2016) vem ao encontro das citações acima, onde percebe-se que o enfermeiro desempenha um papel fundamental tanto na criação de protocolos para a entrada dos animais de estimação dentro das instituições hospitalares, quanto na parte de orientações e esclarecimento de dúvida dos pacientes e seus familiares. Essas ações são fundamentais para a prática com animais ser totalmente benéfica aos envolvidos, sendo importante destacar que a criação de protocolos requer o envolvimento de diferentes profissionais, mas o enfermeiro desempenha um papel muito importante por estar prestando uma assistência mais direta ao indivíduo.

A equipe de enfermagem trabalha na linha de frente do processo assistencial, sendo elemento chave para a segurança dos pacientes e por ser capaz de evitar eventos adversos e impedir decisões que coloquem em risco o sujeito. O enfermeiro deve procurar garantir o máximo de eficiência e qualidade na assistência, reduzindo ao mínimo aceitável o risco de dados evitáveis relacionados aos cuidados de saúde. Desta forma, o enfermeiro deve participar da criação de rotinas e protocolos, focados na qualidade da assistência e na segurança dos pacientes, e além de implementar, treinar e supervisionar esses procedimentos, deve também orientar os pacientes e acompanhantes quanto aos cuidados referentes a segurança, bem como esclarecer suas dúvidas (OLIVEIRA, 2016).

Alguns sujeitos referiram não querer a visita do seu animal de estimação, mas pôde-se perceber que o fato está relacionado ao perfil de animal que possuem, ou até mesmo ao comportamento que este animal irá ter frente a esse contato.

“Porque eles iam fazer muita festa [...] matar a saudade faz bem para as pessoas”
(P11).

“Não porque eles são do interior, vivem na rua [...] não costumam tomar banho e essas coisas [...] são bem cuidados, só que são cachorros de rua, do interior sabe!”
(P6).

Portanto, fica evidente que é de desejo da maioria dos pacientes entrevistados, receber a visita do seu animal de estimação durante o período de internação hospitalar, e que na visão destes indivíduos, essa visita lhes proporcionaria algum tipo de benefício. Porém é importante trazer a visão dos demais pacientes entrevistados, onde estes colocam que o perfil dos seus animais de estimação não é apropriado para a visita em uma instituição hospitalar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização de pesquisas bibliográficas sobre o tema humanização da assistência e o uso da atividade com animais dentro das instituições hospitalares, pode-se constatar que a visita dos animais traz inúmeros benefícios aos pacientes, familiares e equipe de saúde. Sendo que essa estratégia já é reconhecida como efetiva na humanização da assistência, estando em conformidade com as diretrizes do programa Humaniza SUS.

A humanização da assistência hospitalar depende de um conjunto de fatores, onde inclui um olhar mais holístico para o paciente por parte dos profissionais de saúde, assim possibilitando uma assistência sistematizada e individualizada, contemplando as dimensões física, mental, emocional e espiritual. Diante disso, cabe ao enfermeiro aplicar esse olhar mais detalhado sobre o paciente, identificando suas necessidades e desejos, contribuindo com ações para promover seu bem-estar por completo e tornar seu período de internação mais humanizado e menos traumatizante. Ressalta-se então, que as práticas com animais dentro das instituições hospitalares é mais possibilidade de intervenção de enfermagem para qualificar e humanizar a assistência prestada ao cliente, e que essas práticas apontam para um campo de atuação em expansão e que merece ser difundido, estudado e aplicado entre a profissão.

Conforme dados observados durante o estudo e que vem ao encontro disso, acrescenta-se que instituições de saúde de todo o mundo recomendam a prática do contato homem e animal em diversos tipos de tratamentos, pois esse contato auxilia na recuperação do paciente, descontra o clima tenso de um hospital, facilita a comunicação entre pacientes e equipe de saúde e também proporcionando benefícios emocionais e espirituais aos indivíduos. É importante destacar que essa prática já é evidenciada pela pioneira da arte do cuidar, Florence Nightingale, que em 1860 contatou melhoras na saúde de pacientes que contavam com a companhia de pequenos animais.

No decorrer do desenvolvimento do estudo, observou-se que os animais de estimação passaram a assumir papéis de destaque dentro das famílias, passando a ter grande importância na manutenção da saúde mental e até mesmo física das pessoas, como consequência, cada vez mais os animais são considerados membros da família e até mesmo substituindo filhos e outros familiares.

Percebeu-se que a relação homem e animal de estimação está passando por mudanças, pois identificou-se que a maioria dos sujeitos participantes do estudo veem seu animal de estimação como um membro da família, atribuindo a esse convívio benefícios como a companhia e sensações de felicidade, carinho e amor. Destaca-se também o desejo por parte

dos pacientes em receber a visita do animal de estimação durante seu período de internação, conforme os sujeitos, essa visita iria lhe proporcionar benefícios como companhia, alegria, conforto, carinho, auxílio na cura, descontração do clima hospitalar, melhora no psicológico, emocional e autoestima, além de humanizar o período de internação e facilitar o relacionamento da equipe com o paciente. Ficando evidente que na visão do paciente essa prática traz diferentes benefícios no processo de internação e que é bem aceita por grande parte dos indivíduos hospitalizados.

Este estudo possibilita aos profissionais de saúde conhecerem mais sobre a Atividade Assistida por Animais, mostrando que essa prática é mais uma possibilidade que está à disposição para melhorar e qualificar a assistência prestada aos pacientes. Além disso, o estudo possibilitou também identificar alguns benefícios dessa prática, dos quais muitos já são comprovados cientificamente. Outro ponto de destaque é que os pacientes já identificam a relação com animal de estimação como benéfica e que existe sim o desejo de se ter esse contato durante o período de hospitalização, visto que os animais de estimação estão passando a ocupar papéis de destaque dentro das famílias, por consequência, os laços de amor e amizade tem se tornando mais fortes.

Sugere-se a introdução desse tema na grade curricular dos cursos da área da saúde, podendo ser ofertado até como disciplina opcional, visto que cursos e especializações dentro dessa temática são pouco ofertados nas instituições de ensino. Enfatizo que essa pratica merece ser divulgada e mais estudada, pois ainda se tem muito preconceito e fragilidade de conhecimento frente a utilização de animais nas instituições de saúde, e diante de tantos benefícios aos envolvidos e de tantas manifestações de amor, carinho e aceitação desse contato, pode-se ter uma poderosa ferramenta para a qualificação da assistência e humanização do processo de internação hospitalar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. A.; NASCIMENTO, A. A.; DUARTE, A. M. Terapia Assistida por Animais: A experiência dos enfermeiros com o uso desta prática em um hospital oncológico. 5^o Congresso ibero-americano em investigação qualitativa. Porto, v. 2, p. 738-747, 2016. Disponível em: <<http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/818/804>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

ALMEIDA, M. L.; ALMEIDA, L. P.; BRAGA, P. F. S. Aspectos psicológicos na interação homem - animal de estimação. In: IX ENCONTRO INTERNO & XIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia - Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação, 2009. p. 1-6. Disponível em: <http://patastherapeutas.org/wp-content/uploads/2015/05/Aspectos_...pdf>. Acesso em: 14 set. 2017.

CARVALHO, R. L. S.; PESSANHA, L. D. R. Relação entre famílias, animais de estimação, afetividade e consumo: estudo realizado em bairros do Rio de Janeiro. *Sociais e Humanas*. Santa Maria, v. 26, n. 03, p. 622 – 637, set./dez. 2013. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiOx6iK5anWAhVGRCYKHTt0AuAQFgg3MAM&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufsm.br%2Fsociaisehumanas%2Farticle%2Fdownload%2F6562%2Fpdf&usq=AFQjCNEVb-T_SpsR0T3jf53PqTg0E3sWjQ>. Acesso em: 16 set. 2017.

CRIPPA, A.; FEIJÓ, A. G. S. Atividade assistida por animais como alternativa complementar ao tratamento de pacientes: a busca por evidências científicas. *Revista Latino-americana de Bioética*. Bogotá, v. 14, n. 1, p. 14-25, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rlb/v14n1/v14n1a02.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

DOTTI, Jerson. *Terapia & Animais*. São Paulo: Noética, 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. Caderno de Pesquisa [online]. n. 114, p. 197-223, novembro 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742001000300009&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 25 jun. 2017.

GIUMELLII, R. D.; SANTOS, M. C. P. Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico. *Revista da Abordagem Gestáltica*. Goiânia, v. 22, n. 01, p. 49-58, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000100007>. Acesso em: 07 set. 2017.

KOBAYASHI, C. T. et al. Desenvolvimento e implantação de Terapia Assistida por Animais em hospital universitário. *Revista Brasileira de Enfermagem*. Brasília, v. 62, n. 4, p. 632-636, jul./ago. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n4/24.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

LACERDA, M. R.; COSTENARO, R. G. S. (Org.). *Metodologias da pesquisa para a enfermagem e saúde: da teoria à prática*. 1. ed. Porto Alegre: Moriá Ed., 2016. 511 p.

MALAKOSKI, V. M.; DIAS, D. C. Atividade Assistida por Animais (AAA): uma nova forma de intervenção de enfermagem. In: *3ª Mostra de Trabalhos em Saúde Pública*. UNIOESTE – CAMPUS DE CASCAVEL, p. 01-12, nov. 2009. Disponível em: <http://cac.php.unioeste.br/eventos/saudepublica/comunicacao_oral/atividade_assistida_por_animais_um_a_nova.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2017.

MENDONÇA, M. E. F. et al. A terapia assistida por cães no desenvolvimento socioafetivo de crianças com deficiência intelectual. *Ciências Biológicas e da Saúde*. Maceió, v. 2, n.2, p. 11-30, nov 2014. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitsbiosauade/article/view/1372/1039>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

MOREIRA, R. L. et al. Terapia assistida com cães em pediatria oncológica: percepção de pais e enfermeiros. *Rev Bras Enferm*. [Internet]. v. 69, n. 6, p. 1122-8, nov./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v69n6/0034-7167-reben-69-06-1188.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

OLIVEIRA, G. R.; ICHITANI, T.; CUNHA, M. C. Atividade Assistida por Animais: efeitos na comunicação e interação social em ambiente escolar. *Revista Distúrbios da Comunicação*. São Paulo, v. 28, n. 4, p. 759-763, dez. 2016. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/28017>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

OLIVEIRA, Reynaldo Gomes de. *Blackbook: enfermagem*. 1. ed. Belo Horizonte: Blackbook, 2016. 816 p.

PULGA, MÁRIO EDUARDO. Os médicos-veterinários e o processo de humanização. *Informativo do Conselho Regional de Medicina Veterinária do estado de São Paulo (CRMV-SP)*. São Paulo, n. 60, ano XXII, p. 12-18, nov. 2015. Disponível em: <<http://www.crmvsp.gov.br/informativos/Informativo%20-%2060%20-%20web.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2017.

REED, R.; FERRER, L.; VILLEGAS, N. Curadores naturais: uma revisão da terapia e atividades assistidas por animais como tratamento complementar de doenças crônicas. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. Ribeirão Preto, v. 20, n. 3, p. 01-07, mai./jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v20n3/pt_a25v20n3.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2017.

ROCHA, Regina Célia. *Visita de Animal de Estimação: proposta de atividade terapêutica assistida por animais a pacientes internados em hospital oncológico*. 2015. 119 f. Dissertação (Mestrado - Curso de Psicologia Clínica, Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15454/1/Regina_Celia_Rocha.pdf>. Acesso em: 07 set. 2017.

SILVEIRA, I. R.; SANTOS, N. C.; LINHARES, D. R. Protocolo do programa de assistência auxiliada por animais no hospital universitário. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. São Paulo, v. 45, n. 1, p. 283-8, março 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000100040>. Acesso em: 31 mar. 2017.

TATIBANA, L. S.; COSTA-VAL, A. P. Relação homem-animal de companhia e o papel do médico veterinário. *Revista Veterinária e Zootecnia em Minas*. Minas Gerais, n. 103, ano XXVIII, p. 12-18, out./nov./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.crmvmg.org.br/RevistaVZ/Revista03.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2017.

VIEIRA, F. T. et al. Terapia assistida por animais e sua influência nos níveis de pressão arterial de idosos institucionalizados. *Revista de Medicina*. São Paulo, v. 95, n. 3, p. 122-7, jul./set. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/111963>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Atividade Assistida por Animais: possibilidade de intervenção de enfermagem no processo de humanização hospitalar.

A pesquisa será desenvolvida pela acadêmica de enfermagem Regina Elisa Schmitz, sob responsabilidade da pesquisadora Prof^a Enf^a Dr^a Ana Zoé Schilling. O estudo tem como objetivo identificar a visão do paciente com relação aos benefícios da Atividade Assistida por Animais, no processo de internação hospitalar. Como justificativa da pesquisa ressalta-se o desejo de buscar formas de tornar o processo de internação hospitalar menos traumatizante e mais humanizado. Foi selecionado como instrumento de coleta de dados, uma entrevista individual semiestruturada onde posteriormente as respostas serão analisadas através da técnica de Análise de Discurso. O paciente participante da pesquisa irá responder a entrevista que será aplicada pela acadêmica no próprio leito de internação. Os procedimentos do estudo não oferecem riscos aos envolvidos. Os benefícios serão na forma de oportunizar o conhecimento de uma nova alternativa no processo de humanização hospitalar.

Os sujeitos do estudo serão pacientes de ambos os sexos, internados do período de 09/08/2017 a 31/08/2017 na unidade Ala Santo Antônio do Hospital Santa Cruz. Os entrevistados terão total direito de não aceitar participar da pesquisa como desistir de sua participação em qualquer momento. Será assegurado o sigilo e anonimato nas respostas, não ocasionará prejuízos no processo de internação, assim como o direito do acesso das informações coletas, mediante Resolução CNS 466/12.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a minha participação neste estudo de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, riscos e benefícios. Ademais, declaro que, quando for o caso, autorizo a utilização de minha imagem e voz de forma gratuita pelo pesquisador, em quaisquer meios de comunicação, para fins de publicação e divulgação da pesquisa, desde que eu não possa ser identificado através desses instrumentos (imagem e voz).

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;

- da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
- da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa;

O Pesquisador Responsável por este estudo de Pesquisa é Prof^ª Enf^ª Dr^ª Ana Zoé Schilling, telefone (51) 99966-3348. O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do estudo pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: 051 3717 7680. O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa e outra com o pesquisador responsável.

Data ____ / 08 / 2017

Nome e assinatura do Paciente

Nome e assinatura do responsável pela obtenção do presente consentimento

APÊNDICE B – INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DESTINADA AO PACIENTE

Questões Norteadoras:

Iniciais do paciente:

Idade: Sexo: ()Feminino () Masculino

Internação clínica () Internação cirúrgica ()

Quantos dias de internação na Ala Santo Antônio?

Possui animal de estimação? () Não () Sim, qual:

O animal vive dentro de casa?

Como você descreveria sua relação com o animal?

Qual a importância desse animal para você?

Como você se sente estando distante do seu animal de estimação?

Como você acha que o animal se sente?

Você gostaria de receber a visita do animal durante sua internação hospitalar?

() Sim () Não. Porque?

Você acredita que a visita do animal de estimação lhe traria algum benefício? Qual?